

VIVENDO UMA EDUCAÇÃO DIVIDIDA ENTRE A *BANAUSIA* E A *SCHOLÉ*: E AGORA PROFESSOR?

*Paulo Sérgio dos Santos Oliveira*¹

Resumo: educar é uma missão. Para Bertrand Russell, o professor pode ser um Servidor Civil, um Guardião da Civilização e acima de tudo alguém que tem o compromisso com a verdade, já o educador José Carlos Libâneo vê o professor como aquele que através da educação demonstre a mesma, como um instrumento de luta para a compreensão e transformação dos conceitos sociais, porém para os defensores do projeto Escola sem Partido o professor “não pode se aproveitar da audiência cativa dos alunos para promover opiniões, concepções ou referências sejam elas ideológicas, religiosas, morais, políticas ou partidárias”. Hoje se faz necessário ao professor ter intencionalidade e disponibilidade para instigar o aluno a abraçar o conhecimento, provocar reflexões, despertar o desejo de aprender, fazer conexões contribuindo para a realização da construção autônoma e crítica do conhecimento. E a pergunta então é: pode o professor fazer a escolha entre a arte mecânica de ensinar e a atividade intelectual sem prejuízo para os alunos e para si?

Palavras-chave: Professor; ensino; aluno; escola.

Abstract: educating is a mission. For Bertrand Russell, the teacher can be a Civil Servant, a Guardian of Civilization and above all someone who is committed to the truth. José Carlos Libâneo sees the teacher as one who demonstrates education as a fighting tool for the understanding and transformation of social concepts. However, for proponents of the School Without a Party project, the teacher "can not take advantage of the students' captive audience to promote opinions, conceptions or references that are ideological, religious, moral, political or partisan". Nowadays, it is necessary for the teacher to have intentionality and willingness to instigate the student to embrace knowledge, provoke reflections, awaken the desire to learn and make connections so as to contribute to the realization of the autonomous and critical construction of knowledge. And the question then is: can the teacher make the choice between the mechanical art of teaching and the intellectual activity without harming students and themselves?

Keywords: Teacher; teaching; student; school.

1. Introdução

Palavras como missão, vocação e abnegação, trazem hoje consigo um agravo político, pedagógico e econômico, por isso, palavras antes evitadas como profissão, competência técnica e salários, vem devagar e sempre, talvez por motivos nevoentos, fazendo com que o professor esqueça as que anteriormente

¹ Graduando do curso de Filosofia – Licenciatura na Universidade Federal de Pelotas. E-mail: pauloliveira147@gmail.com

eram como que definidoras e ansiadas para sua formação em detrimento dessas que agora o define. O Ensino é, e deve ser, a valorização do trabalho do professor, recusando slogans como “ninguém ensina nada a ninguém”. A *Banansia*, trabalho mecânico, deve sim dar lugar à *Scholé*, atividade intelectual, e a dicotomia entre ambas deve fazer parte do ensino, a educação forma o cidadão. O que se espera hoje do professor é transportar para a mente dos indivíduos a educação como uma especificidade humana que intervém no mundo. Há necessidade de decisão, rupturas e escolhas que só o professor tem que fazer, mas “É preciso saber ouvir, acolher, deixar que o outro entre dentro da gente, ouvir em silêncio, sem expulsá-lo com argumentos e contrarrazões”. (ALVES, 1989)

2. O Sistema Educacional

O sistema (Estado) detém o poder de estabelecer diretrizes e bases para educação dos indivíduos, ditos cidadãos, e com regas a qual diríamos ‘básicas’ faz com que o ensino seja por elas, tais diretrizes, organizado. Já o sistema educacional regular compreende a educação básica – formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio – e a educação superior. De acordo com a legislação vigente, compete aos municípios atuar prioritariamente no ensino fundamental e na educação infantil e aos Estados e o Distrito Federal, no ensino fundamental e médio, cabendo ao governo federal organizar o sistema de educação superior. Tudo isso é burocrático e essencial, mas num país com realidades desiguais e dificuldades de ensino/aprendizagem, o sistema cria uma ferramenta que deveria facilitar a vida do professor bem como a dos alunos, a Progressão Continuada, organizada em forma de ciclos, considerando o conhecimento como processo de vivência que não admitem a ideia de interrupção, mas sim, de construção. Não mais se faz importante dentro do sistema gerar indivíduos que obtenham um melhor conhecimento através da educação, mas lhes dá como forma de graça, favor imerecido, uma nova chance a cada reprovação, ou seja, nada de interrupção, acreditar que o indivíduo é capaz de aprender e não apreender é o que importa. A progressão que a educação precisa é a do conhecimento, então, é preciso que se entenda esta dicotomia entre a obediência ao cronograma e a aplicação de novas formas de conhecimento para o aprimoramento da educação, e agora professor?

3. Papel do Professor

Vimos, que o sistema oferece ao professor, na grande maioria dos casos o papel de servidor civil, que Russell define como aquele cumpre ordens de

homens que têm os seus conhecimentos; tornado seu trabalho instrumento para a *Banausia*. Diferentemente do que Libâneo trata como a valorização do uso do conhecimento que possibilite a liberdade intelectual e política tanto do professor quanto do aluno, ou seja, a *Scholê*. A falta de independência do aluno, tanto como do professor leva o professor a assumir o papel de pai/mãe/família. O ambiente escolar que deve ser de transformação de relações sociais emperra, obstrui e dificulta a relação professor/aluno. É dado ao professor o poder de aceitar a falta de criatividade, trabalho em equipe e as ideias próprias já não mais coexistem no dia-a-dia de seus alunos.

Os tais Guardiões da Civilização empenhados não mais estão em comunicar aos seus alunos uma atitude de respeito para com a educação, e sim, por vezes até seu empenho maior é o de proteger-se de intentos agressivos a sua vida pessoal e material por parte daquele a quem ensina. Rubens Alves, na obra “*O retorno e o terno*” nos trazem à lembrança que “Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas. Escolas que são gaiolas existem para os pássaros que desaprenderam a arte do voo. (...) Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados, o que elas amam são pássaros em voo” (Alves, 1989). O papel do professor em escolas que são gaiolas é o de cuidar, trancar a porta e ao alimentá-lo ter o cuidado para não ser por ele bicado; diferente do papel do professor nas escolas que são asas, que da coragem e liberdade para alçar voos que lhe trarão vida e independência, pois voar é ter horizontes a explorar.

4. Conceito de valor

Sabemos que hoje em dia o valor equivale ao que agrada, ao que é desejado ou é objeto de interesse próprio. Sendo assim podemos dizer que valor é algo meramente subjetivo. A subjetividade levou o valor a ser confundido e até comparado com algo que se compra no mercadinho da esquina. Valores, portanto, na atualidade em que vivemos não são, apenas valem. Antes o caráter era constituído de respeito, compromisso e valores familiares, hoje a apreensão dos valores que levam a plenitude do sujeito foi transformado em não-valor ou “aquilo que é indiferente, que nada representa para o sujeito por não corresponder às suas necessidades” (WERNECK, 1996). Para um planejamento educacional ser bem-sucedido não se pode admitir a igualdade entre o valor e o não-valor. Educação não é mero conhecimento, é ação, e prática de valores humanos com conceitos verdadeiros, antes de valorarmos a educação se faz necessário conhecê-la e praticá-la.

5. Memes da educação

Nesta época onde as redes sociais são influenciadoras de opiniões, podemos constatar que muitos “memes”, termo grego que significa imitação (meu avô diria ser isso escárnio) sobre a educação, vou dar alguns exemplos: 1) o aluno há alguns anos atrás mostra o boletim para os pais na frente da professora e os mesmos exclamam, olhando fixamente para o filho ‘que notas são estas???’ Ao lado a cena se repete nos dias de hoje, só que os pais direcionam o olhar para a professora e repetem a mesma pergunta com olhar de reprovação, 2) A professora comenta ‘Joãozinho como suas notas estão baixas’, e Joãozinho retruca ‘é para combinar com seu salário, professora’, 3) Fazendo comparação com a escola, diz Escola é igual a piscina, os professores nadam, os alunos boiam e as notas afundam. Vejam que a definição de Rede Social segundo a Wikipédia é uma estrutura social composta por pessoas ou organizações, conectadas por um ou vários tipos de relações, que compartilham valores e objetivos comuns. Valores, mesmo que pareça uma brincadeira, na verdade é uma crítica social, onde a imagem do professor e da escola estão ali caracterizados como um escárnio à ambos.

6. A *Banausia*

Este termo grego, difundido por Heródoto (485 a.C.) que significa a arte manual ou trabalho mecânico, que entre os gregos (Helenos) era executado pelos escravos, pode ser comparado ao que muitos professores fazem ou são obrigados a fazer ao ensinar, como escravos da profissão de servidor civil, lecionam em três ou mais escolas para se sustentar e ter uma vida com expectativa de uma aposentadoria tranquila. Tornam-se escravos, por vezes, da política educacional governamental. Governo este que no seu Plano Nacional de Educação (PNE) em uma de suas vinte (20) metas para garantir a equalização de oportunidades educacionais diz que se faz necessário valorizar os profissionais da educação para torná-los motivados e comprometidos com seus alunos, alcançando assim o sucesso da política educacional. E já que como diz a Constituição, todo o poder emana do povo e em seu nome deve ser exercido, alguns dos seus representantes eleitos querem tornar mais difícil ainda a vida dos professores, jogando-os de vez nos braços da *Banausia*.

7. *Scholé*

Palavra grega que designa ‘lugar de ócio’ e que dá origem àquela que ao se traduzir, transformou-se em Escola. Ócio não como é hoje concebido: sinônimo de desocupação ou de malandragem, até porque para os gregos o ócio

era um tempo necessário para o desenvolvimento e da capacidade de reflexão e do pensar. Vejam que o que acontece hoje na escola trata-se mais de roubo de tempo e desocupação do período necessário para se aprender a pensar e a refletir. Na verdade, a escola contemporânea tem seu tempo organizado e consolidado em períodos e espaços mecanicistas. O professor que luta para que isso aconteça, o ócio, tem impedimentos demasiados e por vezes já entra na batalha fraco e derrotado. Hoje as escolas são na sua maioria depósitos de alunos que por algum motivo estão ali matriculados por vontade ou não deles, mais por necessidade dos pais de gerarem renda e terem onde alocar seus filhos. O ócio se tornou algo impensado ao professor que em tempos de liberdade de expressão ainda tenta lutar contra tudo e contra todos, e o resultado final é sempre mais trabalho e angústia, sem ter certeza do que o espera no dia seguinte.

8. Local de Trabalho

Local de trabalho, verdadeiramente a sala de aula cada vez mais tem sido o local em que o professor tem mais trabalho, no mandamento seis (6) de seu Decálogo, Russell sentencia “Não uses o poder para suprimir opiniões que consideres perniciosas, pois, as opiniões irão suprimir-te”. Poder com certeza é algo raro para o professor dentro do espaço que ele considera local de trabalho, mas mesmo assim esse pouco poder pode trazer grandes transtornos para si, se ele tentar fazer uso dele. Atrelado a planos de aula, e materiais didáticos, poucos recursos tecnológicos ao seu dispor, sucateamento da educação e um baixo salário, o local de trabalho se torna cada vez mais um local de tristeza e sem o devido encantamento dos tempos de formação. Mas mesmo assim ele tenta ver qual a melhor forma de organizar as carteiras da sala se em fileiras individuais, em U (meia-lua), talvez em duplas ou trios, colocando-se assim na posição de quem está ali para aprender ele usa todos os recursos possíveis para que àqueles que querem aprender tenham mais comodidade para escutá-lo; busca com recursos próprios embelezar a sala, fazer daquele local um lugar aprazível e próprio para aprender. “O professor é um funcionário das instituições, (...) especialista em reprodução, peça num aparelho pedagógico do Estado” (ALVES, 1989, p. 29)

9. Escola sem...

Sem avaliação, sem merenda que teve seus recursos desviados, sem tranquilidade para trabalhar, sem os recursos suficientes para os materiais básicos, sem o respeito à sua dignidade, sem a valorização dos profissionais, sem segurança para exercer a profissão, com tantos ‘sem’ e agora com o perigo maior

de ter suas opiniões amordaçadas e suas convicções podadas por um projeto de lei chamado de Escola sem partido, que aos poucos vem sendo implantado no país um projeto que inclui entre as Diretrizes de Bases da Educação garantias contra a doutrinação na educação colocando o papel do professor como educador de lado.

Ele, o professor, não é mais o guardião da civilização ou aquele que tem o compromisso com a verdade, mas um indivíduo que pode ser doutrinador e perigoso para os alunos, que é passível de prisão, como um criminoso, se divulgar suas ideias e que tem desencorajado qualquer tipo de pensamento que não seja o imposto por tal lei. Está, portanto, o professor refém de quem não possui sequer o conhecimento necessário para estar dentro de uma sala de aula. Sem identidade, descaracterizado de opiniões e conceitos à espera de dias melhores para a educação, mas sem poder declarar isso. Sua graduação o tornou alguém que perde a cada dia o poder de ensinar e de repassar os conhecimentos necessários ao exercício da cidadania. Assim como não se pode pensar um farol sem o mar, é impossível imaginar a consciência alheia ao conhecimento.

10. Experiências

Quando menino, estudei em um colégio interno, entrei lá com cinco anos de idade e sai com dezesseis, era um internato só de meninos, trezentos para ser exato, em que se aprendia várias profissões, mas onde a disciplina era rígida, não podíamos nem falar durante as refeições, se assim o fizesse éramos punidos com castigos que hoje seriam considerados crimes contra a criança e o adolescente, quanto mais reclamar da comida ou dos maus-tratos. Estudei Educação Moral e Cívica e O.S.B.P. (Organização Social e Política do Brasil) e apesar de tudo não me tornei um fascista e muito menos um subversivo ou criminoso, pois, tive os melhores professores que um menino podia ter, e após sobreviver a uma infância difícil, aqui estou tentando me graduar e me tornar um bom professor de Filosofia. Porém, não sei o que o futuro me reserva, e contrariando a letra da música eu não vejo a vida melhor no futuro, mas vejo isso por cima deste muro de hipocrisia que insiste em nos rodear. Meu estágio foi numa escola técnica, gratificante e enriquecedor, onde encontrei uma turma de Eletrônica, que na sua maioria não gostava da disciplina de Filosofia, mas que ao final estavam interessados em conhecer um pouco mais sobre a mesma, o que me deixou contente e esperançoso no porvir.

11. Tema para casa

Quem de nós não teve que fazer o tema para casa? Às vezes tão difícil de fazer, era ele que nos impedia de brincar enquanto não o concluísse. Pois, por quantas vezes este tema hoje tem sido deixado de lado pelos alunos que detêm a vaga na escola, o esforço do professor em planejar as aulas tem sido quase que em vão. Culpar quem os pais que um dia tiveram seu momento de lazer interrompido e tiveram de valorizar o tema; ou que hoje por falta de tempo não ajudam seus filhos, pais por vezes ausentes que nem recreio tem, já que o labutar diário tirou deles, ou simplesmente àqueles pais que não se importam com a vida escolar dos filhos, não saberia responder. Mas por que não culpar os alunos que com o advento do celular sequer exercitam a escrita, e demonstram desinteresse total para com o tema para casa. Aos professores fica a vontade de enviar mais um bilhete para os pais dentro da agenda, mas de que valeria isso se o próprio aluno poderia assinar o bilhete e dar como lido e ciente da falta de compromisso do filho. Penso que já é tempo do professor fazer o seu tema para casa, num reciclar de pensamentos e agir antes que alguém venha e diminua sua nota; inovar e não estagnar, pois sempre haverá aquele aluno que fará todos os temas e que valorizará o seu esforço. Fique atento ao mandamento dez (10) do Decálogo de Russell ele recomenda “Não tenhas inveja daqueles que vivem num paraíso dos tolos, pois apenas um tolo o consideraria um paraíso”.

12. O valor da Educação

A educação e a formação são e sempre serão os alicerces fundamentais para o futuro das pessoas e do país e em tempo de imprevisibilidade e de mudanças aceleradas e algumas ainda desconhecidas e até assustadoras, a educação precisa sim buscar ações que privilegie as relações interpessoais e valorize conceitos de igualdade. O preço a pagar é o que menos importa, podemos até questionar um certo otimismo em demasia quanto ao professor saber imprimir todo o conhecimento necessário para que isso aconteça, mas é esta arte de aprender, expandir nossos saberes e pensamentos, a maética, que dará o devido valor à educação. Numa nação onde a educação tem seus recursos espoliados, o conhecimento deve ser fundamental para que a valorização da educação seja engendrada. O desmedido valor da educação precisa urgentemente conhecido e reconhecido por todos os atores da educação no país.

12.1. DESPERDÍCIO

A educação tem sido sucateada e tem causado grande prejuízo aos cofres públicos por causa da famigerada ganância de alguns que acreditam que planos

mirabolantes, como o da progressão continuada são de grande valia para a recuperação da educação. Investimentos em muitas universidades que não tem alunos, nem capacidade para se sustentar. No país, 25 de cada 100 escolas dizem oferecer o ensino por meio de ciclos, com a progressão continuada dentro deles, para se ter um exemplo, em 2015 desperdiçamos mais de 17 bilhões de reais com alunos reprovados no ensino fundamental e médio, e de cada 10 professores 6 são contra a progressão por ser ela responsável direta pela deserção escolar. Então, no contexto atual onde a falta de investimento material em construções de escolas e reformas das já existentes se faz necessária, investe-se em metodologias que tradicionalmente já se sabe que não resolvem. Quem melhor que o professor para opinar e decidir sobre a missão que lhe foi dada, se é melhor para educação, conseqüentemente irá agregar maior valor a ela. A educação tem por incumbência cultivar sim a formação do indivíduo evitando imposições burocráticas ou ideológicas no decorrer da mesma. O educador Moacir Gadotti em sua obra *“Introdução à Pedagogia do Conflito”* aconselha que:

Qualquer que seja o valor dos mestres, da educação, da cultura adquirida, chega o momento em que é necessário se situar, se colocar em relação a eles, se aventurar-se sozinho no mundo e na história. A existência, a liberdade humana, dependem deste esforço; elas se mostram no mesmo instante em que eu compreendo, me aceito e me conduzo como indivíduo e não mais como carneirinho; quando recuso não ser apenas o portavoz, o resultado de uma educação, o fruto e o joguete de um condicional social, o parlamento dos meus instintos, para correr o risco de dizer e de ser “eu” (Gadotti,1980, p.17).

13. Exame de consciência

Russell conceitua o professor como uma espécie de Médico que cura a infantilidade, Libâneo como um Assistente Social que se preocupa não só com o indivíduo, mas também com o contexto social onde ele vive, muitos já disseram não ser o professor um mero detentor de conhecimento, mas o exercício de uma profissão como a de professor requer um conhecimento mais complexo, que recorre a dimensões que não podem ser representadas por conhecimento proposicional, mas que é construído e desenvolvido com base sólida na experiência. Porém, este corpo de conhecimento sólido e adquirido precisa estar mais arraigado dentro da comunidade escolar da qual participa. Um Pediatra atende crianças diversas que não possuem a mesma patologia, nem todos estão com ‘vírose’, alguns terão o diagnóstico de otite, infecção urinária,

caxumba, rinite... Da mesma forma o Assistente Social não detectará apenas vulnerabilidade social nas famílias e pessoas por ele assistidas.

No caso do professor, e em muitos casos mesmo, ele tem uma turma de alunos e tem para todos o mesmo diagnóstico, ele costuma detectar um problema congênere sendo que são indivíduos diferentes quem possuem problemas complexos e ambíguos. Várias soluções para alguns dos problemas são de diagnóstico simples, mas infelizmente este detentor de conhecimento complexo se deixa levar por uma solução de fácil identificação: ‘virose’ da irresponsabilidade e da falta de educação familiar. É preciso fazer este exame de consciência e mudar, padrões existem para serem quebrados, pensamentos inovadores demonstram que pessoas que ousam quebrar padrões são àquelas que transformam a sociedade. A complexidade da sala de aula é reconhecida por algumas características: a multidimensionalidade, simultaneidade, imediatividade, imprevisibilidade, exposição pública e historial. E esta complexidade precisa de um coreógrafo que faça todos dançarem conforme a música que está a tocar, a que foi ensinada. “E os que foram vistos dançando foram julgados insanos pelos que não conseguiam ouvir a música.” (NIETZSCHE, 2007)

14. Conhecendo a classe

Requerer-se de um bom professor que o mesmo seja um conhecedor dos seus alunos, por serem diversos e cada vez mais numerosos uma das maiores dificuldades do professor é ter conhecimento de que classe está sob seu comando, mas, com tanta rede social à sua disposição existe hoje uma facilidade para que seus alunos sejam conhecidos, normalmente dar uma ‘stalkeada’, gíria muito usada pelos internautas, faz com que se descubra muito sobre o aluno. Stalker é uma palavra inglesa que literalmente quer dizer perseguidor, e este deve ser o papel do professor em relação aos seus alunos.

Antigamente, uma das maiores queixas ouvidas pelos pais quando seu filho estava mal nos estudos era a de que o professor o estava perseguindo, que não gostava dele, então por vezes o pai se dirigia a direção e fazia uma reclamação formal, e às vezes até tentava trocar o filho de escola e quando conseguia, logo voltava a receber a mesma reclamação: pai/mãe o professor tal está me perseguindo. O professor deve sim perseguir o aluno, mas num contexto de conhecimento e curiosidade, ferramentas com tantas informações estão à disposição e a oportunidade de melhorar seu relacionamento com o aluno está dada, o convívio social também se faz através das chamadas redes. Conhecer seus alunos é tarefa fundamental na construção de um conhecimento mais profícuo do mesmo, assim sendo o planejamento educacional se fará da forma

com que a consequência será a obtenção de melhores resultados na proporção direta em que este planejamento se torne adequado às necessidades individuais, concretas, mediatas e imediatas, de cada aluno. Existem ainda professores que tem um pouco de receio e resistência as redes sociais, mas a falta de conhecimento acabará lhe trazendo bem mais problemas do que apenas experimentar uma forma diferente de se comunicar.

Considerações finais

Neste obscuro momento em que vive o país, de incertezas tantas, cabe ao professor e a todos os envolvidos com a educação tomarem uma posição de pensar crítico e de escolhas que por mais difíceis que sejam colocá-las em prática e lembrar-se do juramento que fez ao se tornar um educador, o de proporcionar desenvolvimento social, intelectual, cognitivo, psicológico e afetivo no exercício de sua profissão; desejar profundamente formar alunos críticos que ajudem a reconstruir a educação e o país, começando na sua sala, na vizinhança e no seio familiar; alunos capazes de responder a quem pedir o motivo pelo qual ele luta.

Que professores e alunos juntos, e com a comunidade escolar entendam que a *hashtag* (#), não é a solução para nação, escolher entre a #não e a #sim, não fará com que o desenvolvimento educacional cresça e que o conhecimento e a transformação dos conceitos sociais sejam o alvo a ser buscado. Em discursos de ódio e rancor, preconceitos e paradigmas não serão quebrados, mas acima de tudo não vos conformeis com este mundo, busquem sim, sempre, a transformação com a renovação da vossa mente, aceitando o diferente e as diferenças trazendo a unidade para junto da comunidade escolar.

Dona Felicidade, era o nome da primeira diretora que conheci, de estatura baixa e voz suave sempre que acontecia qualquer conflito na sala de aula e ela era chamada dizia: “Na minha sala só existe uma mesa que é a minha, porém na de vocês há várias e com vários colegas nelas, enquanto vocês não entenderem que a harmonia dentro da sua sala só depende de vocês, mais nada entenderão”.

Aceitar o cargo de servidor civil com certeza não fará de um professor um guardião da civilização, nem lhe trará o compromisso com a verdade, mas somente a liberdade de expressão poderá redimensionar a visão maior do fortalecimento da educação. “Uma coisa é renunciar à felicidade pessoal a favor de uma felicidade pública, outra, muito diferente, é tratar felicidade geral como irrelevante” (RUSSELL, 1956, p. 80). O papel da escola se concretiza pela ação educativa. Desse modo, o trabalho do professor é tão complexo e importante que não pode se dimensionar a sua contribuição para a sociedade, mas podemos sim, estabelecer que suas escolhas serão sempre referências para o aluno e que a

abordagem do conhecimento advindo dele sempre trará reflexos positivos na aprendizagem humana. Uma proposta construtivista e um pensar crítico e reflexivo é o que deixo aqui e apenas uma pergunta: E agora professor?

Referências Bibliográficas

ALVES, Rubem. **O retorno e o terno**. Campinas, SP: Papirus, 1989.

GADOTTI, Moacir. **Educação e poder**: Introdução à Pedagogia do Conflito. São Paulo: Cortez Editora, 1980.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública**. São Paulo: Editora Loyola, 1985.

NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

RUSSELL, Bertrand. **Ensaio impopulares**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

WERNECK, Vera. **Educação e sensibilidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1996.

Banausia, **Conceito**. Acessado em 15 out. 2018. Online. Disponível em: http://www.filosofia.com.br/vi_dic.php?pg=14&palvr=AD

Metas, PNE/MEC. Acessado em 20 out. 2018. Online. Disponível em: http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf

Progressão Continuada. Acessado em 20 out. 2018. Online. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/educacao-em-evidencia/a-polemica-da-progressao-continuada-e-as-reprovacoes-em-massa/>

Rede Social, **Conceito**. Acessado em 15 nov. 2018. Online. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Rede_social

Scholé, **Conceito**. Acessado em 15 out. 2018. Online. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Escola>